

# «Bush transformou em sangue, ruína e desgraça tudo aquilo em que tocou»

Com a crise financeira no auge e tendo como pano de fundo as eleições americanas já em Novembro, Viriato Soromenho-Marques — que lançou recentemente o livro «O Regresso da América, que futuro depois do Império?» — analisa o futuro daquela que foi a maior superpotência da História recente

ANA CLARA

**O DIABO** — A América está a viver um período particular da sua História. Para além das eleições, a crise dos mercados financeiros está a fazer moça na economia americana. Como olha hoje para os EUA?

**VIRIATO SOROMENHO-MARQUES** — Como uma grande e influente nação que, contudo, perdeu a possibilidade histórica de usar o breve momento unipolar de que gozou após a queda da União Soviética para modelar a reconstrução do sistema internacional em termos que lhe fossem favoráveis. Ao contrário dos presidentes F. D. Roosevelt e H. Truman, que souberam construir sólidas alianças com os inimigos de ontem e, sobretudo, exercer uma verdadeira «hegemonia plebiscitada» (a expressão é de Salazar, em 1946) na base de uma ordem internacional baseada na centralidade da lógica multilateral das Nações Unidas, George W. Bush foi um Rei Midas ao contrário: transformou em sangue, ruína e desgraça tudo aquilo em que tocou. Infelizmente, todos sofreremos por longos anos a herança da mais medíocre e incompetente Administração que os EUA alguma vez conheceram.

No seu mais recente livro «O Regresso da América: Que Futuro Depois do Império?» disserta e reflete sobre o império norte-americano. Uma das conclusões a que chega é a de que a sociedade norte-americana está mergulhada num estado de «profunda angústia». Em que é que isso se manifesta e para onde caminham os EUA?

Os EUA nunca foram um império como os outros até George W. Bush. O impulso para o domínio unilateral sempre foi moderada por uma democracia constitucional de invulgar vitalidade. O que sucedeu com a actual Administração foi o eclipse temporário da vitalidade das instituições republicanas devido à política de terror e de medo cultivada após o 11 de Setembro de 2001. A lógica do império venceu em 2003 com a absurda invasão do Iraque, mas cedo foi derrotada. Agora os EUA ensaiam o regresso à sua tradição, mas num quadro de perda de poder em todas as frentes, domésticas e internacionais. É do interesse da União Europeia e

de Portugal que os EUA elejam um verdadeiro estadista para a presidência federal que estão iminentes.

## «A China não fará aos EUA o que estes fizeram ao império britânico»

**Com a crise financeira que está a abalar os EUA, a superpotência está, na sua opinião, a acelerar o processo de mudança para passar para as economias emergentes — China, Índia, Brasil — esse título de «economia mundial»?**

Os EUA vão continuar a ter uma palavra decisiva. Não haverá, pelo menos nas próximas duas décadas, um processo de «substituição de hegemonia». A China não fará aos EUA o que estes fizeram ao império britânico: ocupar os seus lugares vazios e tomar conta da ordem mundial. O que está a acontecer é a (re) construção de uma nova ordem multipolar, onde as regras do jogo serão ditadas não só pelos EUA, mas também pela China, Índia, Brasil e, se a Europa não mergulhar outra vez numa das suas tentativas cíclicas de suicídio, pela União Europeia. Os tempos de uma «Pax Americana», ditada em exclusivo a partir de Washington, esses desapareceram para sempre...

**Quais foram os maiores erros cometidos nos últimos anos pelos EUA**



«Os EUA ensaiam o regresso à sua tradição, mas num quadro de perda de poder em todas as frentes, domésticas e internacionais», afirma Viriato Soromenho-Marques

**e que determinaram uma mudança na sociedade norte-americana? Hoje a América influente que conhecemos já não é a mesma?**

Digamos que esta Administração terminou uma destruição de um sistema político imunitário iniciada bastante antes. No essencial o que ocorreu foi a destruição do lento processo de construção de um «Estado Social» também nos EUA. Essa tarefa foi iniciada em 1935 com o «Social Security Act» de Roosevelt e prolonga-se até às Administrações de Nixon, Ford e Carter. De Reagan a George W. Bush vemos, pelo contrário, a ideologia da desregulamentação ultraliberal a tomar conta da vida pública e económica dos EUA. A actual crise de confiança dos mercados financeiros é o resultado do falhanço total da supervisão dos mercados. Um colaborador de Bush dizia que queria afogar o Estado federal numa banheira, o que se tornou quase físico na impotência perante o Katrina, em 2005. Na verdade, os neoconservadores foram quase mais longe no seu ódio ao

Estado e às políticas públicas do que os próprios bolcheviques, pois, hoje, nos EUA, o Estado parece um cadáver com muitas armas, mas um cadáver, aparentemente incapaz de responder aos grandes desafios, de vida ou morte, do mundo contemporâneo.

**Qual o futuro das relações entre americanos e europeus? Podem algum dia ambos ser parte conjunta de uma ordem multipolar e pluralista?**

Julgo que o projecto de uma comunidade atlântica, fundada numa «Declaração de Interdependência», como foi vaticinado por J.F. Kennedy, em 1962, teria vantagens mútuas para ambos os lados, num mundo onde o Ocidente conhecerá um declínio demográfico, económico e mesmo político. No meu livro defendo e justifico a tese de que esse eixo euro-americano deverá fundar-se na liderança mundial do combate às alterações climáticas e à crise ambiental global, baseada na inovação tecnológica e numa diplomacia fraterna. Trata-se do maior desafio do nosso tempo, mas também da sua maior e mais decisiva oportunidade.

## «O Regresso da América, que futuro depois do Império?»

■ O que podemos aprender com a cultura política norte-americana? O que significa ser hoje uma «nação indispensável» e qual o papel que a superpotência deverá desempenhar no sistema internacional? Portugal ainda precisa dos Estados Unidos? Como poderão as relações entre americanos e europeus contribuir para o reforço de uma ordem multipolar e pluralista em gestação? A estas e outras questões Viriato Soromenho-Marques, Professor Catedrático de Filosofia da Universidade de Lisboa, responde no seu mais recente livro «O Regresso da América, que futuro depois do Império?».

Neste livro, Soromenho-Marques analisa ainda a sociedade norte-americana, «mergulhada num estado de profunda angústia» e fala dos «erros estratégicos sucessivos» que «os actuais responsáveis de Washington têm cometido». «Mas talvez o mundo tenha ainda muito para receber da clássica sabedoria americana».

A.C.



## «Os EUA vão continuar a precisar do triângulo estratégico português»

No seu livro fala do relacionamento histórico entre Portugal e os EUA, como parceiros, um relacionamento que teve avanços e recuos. Como podemos avaliar actualmente essas relações? Elas podem alterar-se depois das eleições norte-americanas de Novembro?

Os EUA vão continuar a precisar do triângulo estratégico português, sobretudo do vértice açoriano, como profe-

tizou certamente Andrade Corvo em 1870! Portugal, por seu turno, precisa também dos EUA. Por eles próprios, mas também como parceiros para atingir outras regiões do mundo. Como pequeno país periférico da Europa, embora matricial, Portugal não pode apostar tudo num projecto que continua a dar falhas crónicas e a regredir lamentavelmente. Até para falar com uma voz poderosa na União Europeia, Portugal precisa de saber que tem uma linha de recuo, que se chama EUA, mas também Brasil e Angola.

**Falando das eleições do próximo mês. Quais são os maiores desafios que se vão colocar ao futuro presidente norte-americano?**

O principal desafio consiste em interromper para sempre o período exótico, errático e perigoso de uma administração que colecionou derrotas e desiludiu aliados em quase toda a parte, para fazer regressar os Estados Unidos, no essencial, ao rumo dos momentos mais altos da sua «grande política» anterior. Nesse possível e próximo regresso da América, o próximo presidente americano deve inspirar-se nos grandes presidentes que prepararam os Estados Unidos para as tarefas e responsabilidades de ser a maior potência mundial: Woodrow Wilson, profeta da paz como «comunidade de poder», e não afirmação hegemónica; Franklin Delano Roosevelt, o arquitecto das Nações Unidas; John F. Kennedy, o pioneiro do desanuviamento que salvou o mundo da catástrofe nuclear.

**Olhando para aquilo que temos visto da campanha na sua opinião qual dos dois candidatos está em melhor posição para vencer estas eleições? Qual dos dois serve melhor, neste momento, os interesses dos EUA?**

Barack Obama está muito longe, para melhor, de McCain, pelas suas qualidades pessoais, preparação e visão geral do mundo. Com Barack Obama como Presidente, a América promete, também na política externa, voltar a ser fiel a si própria. Combinar idealismo e pragmatismo. Substituir a deriva ideológica dos últimos anos por uma administração competente no exercício das suas reais possibilidades, e uma adaptação realista aos seus limites efectivos, estreitando alianças e diminuindo as tensões onde tal não coloque em causa interesses e valores fundamentais. Obama promete à comunidade internacional uma presidência à altura das dificuldades de um mundo cada vez mais multipolar, muito mais complexo e interdependente do que alguma vez o foi. Uma América que recusa o unilateralismo ou a demanda patética de uma hegemonia obsoleta e perigosa, para escolher o único caminho da liderança eficaz e legítima. A liderança pelo exemplo.